

# AS MORTES DE ALTHUSSER

## DOIS TEXTOS, INCLUSIVE UMA AUTOBIOGRAFIA PÓSTUMA, ESCLARECEM O ENIGMA DO FILÓSOFO ASSASSINO DE SUA MULHER

Michel Contat

Tradução do francês: Heloisa Jahn

### RESUMO

O artigo resenha dois livros recém-lançados na França sobre Louis Althusser: o primeiro volume da autobiografia do filósofo (*L'avenir dure longtemps*) e o primeiro volume de uma minuciosa biografia de Althusser (*La formation du mythe (1918-1956)*, de Yann Moulier Boutang). Em *O futuro leva muito tempo* Althusser procura explicar a configuração psíquica que o levou a cometer um crime — o assassinato de sua mulher Hélène — do qual ele esteve mentalmente ausente. Para Michel Contat, Althusser pretende escrever uma espécie de relatório sobre as feridas afetivas, os fantasmas, as carências e os desejos inconscientes que o transformaram num ser incapaz tanto de viver como de morrer. Talvez Althusser seja lembrado como o primeiro autor de uma autobiografia escrita à luz da psicanálise — uma "*histoire de cas*" escrita pelo sujeito hermenêutico de si mesmo.

### SUMMARY

This article reviews two books on Louis Althusser, both recently published in France: the first volume of the philosopher's autobiography (*L'avenir dure longtemps*) and the first volume of Yann Moulier Boutang's meticulous biography on Althusser (*La formation du mythe (1918-1956)*). In *L'avenir dure longtemps*, Althusser seeks to explain the psychic condition that led him to commit a crime — the murder of his wife Hélène — during which he was mentally absent. According to Michel Contat, Althusser intended to write a sort of report on the wounded affections, ghosts, needs, and unconscious desires that transformed him into a person incapable of either living or dying. Perhaps Althusser will come to be known as the first author of an autobiography written in light of psychoanalysis — a "case history" written by one's own hermeneutical subject.

Contra todos os indícios, talvez Louis Althusser sobreviva à queda do marxismo ocasionada pela queda dos regimes que se diziam marxistas. Mas deixemos o futuro aos seus mistérios. *O futuro leva muito tempo*, como dizia de Gaulle, de quem o filósofo comunista tomou emprestada a fórmula que deu título a sua autobiografia<sup>1</sup>. Talvez ela venha ilustrar o nome de Althusser de forma mais durável que seu livro mais famoso, *Pour Marx*, cuja contribuição teórica ao marxismo, tudo considerado, é exígua, embora seu rigor seja excepcional. Nesse caso ele seria lembrado menos como filósofo marxista que como um grande maldito ao estilo de Antonin Artaud, e como o primeiro autor de uma autobiografia escrita à luz da psicanálise, depois de um tratamento de cerca de quinze anos durante o qual se deu um

Este artigo foi publicado no *Le Monde*, em 24 de abril de 1992.

(1) *L'avenir dure longtemps*, seguido de *Les faits, autobiographies*, de Louis Althusser. Stock/IMEC, 356 pp.

assassinato que comoveu as pessoas e condenou o filósofo ao silêncio. O teórico abstrato se metamorfoseia em sujeito de uma escrita pessoal e sem precedentes, com dois textos que expõem o inquietante enigma revelado ao público com a morte por estrangulamento da esposa do filósofo, Hélène, no dia 16 de novembro de 1980.

Ainda durante a vida de Althusser havia um "caso Althusser" para os próximos, para a comunidade intelectual. Dois anos depois de sua morte, em 1990, passada quase despercebida (ele já não estava morto aos olhos do mundo?), ei-lo explicado e complicado, hiperbolicamente interpretado por este livro póstumo. Ao mesmo tempo — o que é totalmente novo —, o caso é discutido pela biografia minuciosa lançada no mesmo momento — e que é notável<sup>2</sup>.

Em *O futuro leva muito tempo* Althusser explica a configuração psíquica que gerou um crime do qual ele esteve mentalmente ausente. Dirigindo-se ao público mais amplo possível ele quer escrever não uma biografia clássica, mas uma espécie de relatório sobre as "marcas inaugurais", as feridas afetivas, os fantasmas, as carências e os desejos inconscientes que o transformaram num ser incapaz tanto de viver como de morrer.

Seus modelos declarados são as *Confissões* de Rousseau, por denegação ("Infelizmente não sou Rousseau"), e, de forma muito explícita, *Moi, Pierre Rivière*, relato de vida e confissão de um parricida do século XIX publicado e celebrizado por Michel Foucault. Seu modelo inconfesso, porém, é *As palavras*, de Sartre, cujo sucesso literário, como veremos, funcionou como obstáculo à publicação desta "*histoire de cas*" escrita pelo sujeito hermeneuta de si mesmo.

Antes de qualquer avaliação literária é preciso contar aqui, reduzindo-a a sua trama básica, essa história atordoante. Ela se abre sobre a narrativa do assassinato. Sem esse drama, efetivamente, não teria havido livro; chegamos mesmo a perguntar-nos se não há o desejo de autobiografia, ou seja, de existência como sujeito de um relato (tal como o entende Ricoeur), agindo subterraneamente no próprio assassinato. Essa é uma possibilidade que o autor não examina no livro, do contrário provavelmente não o teria escrito, em todo caso não teria adotado esse modelo de narração policial, que propõe um enigma ao contar um crime.

Numa manhã de domingo, no apartamento ocupado pelo casal na Ecole Normale Supérieure, na rue d'Ulm, em Paris, Louis Althusser percebe que está diante do corpo inerte de sua mulher, algum tempo depois de ter começado a massagear-lhe suavemente o pescoço. Entre o momento em que teve esse gesto de terna atenção e o momento em que recobrou a consciência ("Matei Hélène!") há um branco em que se decide toda a questão da responsabilidade. Levado imediatamente para Sainte-Anne, examinado pelos psiquiatras, é declarado não-responsável pelo crime por tê-lo praticado em estado de demência, o que determina um *non-lieu*, ou inexistência de ato jurídico.

Essa decisão ao mesmo tempo judicial, psiquiátrica e administrativa faz daquele que se "beneficia" dela um morto-vivo: ele deixa de ter personalidade jurídica, é posto sob tutela, perde o direito inclusive à própria assinatura. Contra esse sepultamento, essa condenação ao silêncio através da

(2) Louis Althusser. *Une biographie*. Vol. I: *La formation du mythe (1918-1956)*, de Yann Moulier Boutang. Grasset, 510 pp.

aplicação do sigilo médico, Althusser só vê um recurso ao sair de seu estado de incoerência mental: dirigir à opinião pública a explicação que lhe teria sido pedida caso houvesse processo público. Para tanto é preciso que vá contra sua própria filosofia, que recusa a idéia de origem e de causa primeira, e recue até a infância, até o segredo que a constituiu.

A autobiografia propriamente dita começa, portanto, muito classicamente — depois de uma dissertação sobre o *non-lieu* —, como a de Sartre, por uma narrativa da história familiar. Esta é marcada pela I Guerra Mundial. Em 1918 uma jovem professora de Argel casa-se com o irmão mais velho do jovem pelo qual estava profunda e muito castamente enamorada, e que acaba de morrer nos céus de Verdun. As duas famílias, ambas de origem alsaciana, os Berger e os Althusser, unem-se. O filho mais moço, aviador, chamava-se Louis Althusser e planejava candidatar-se ao concurso de admissão à Ecole Normale Supérieure. Do casamento que é um luto, vivido pela moça como uma violação e um roubo, nasce um filho que, naturalmente, recebe o nome do morto. Por trás do segundo Louis o amor da mãe irá dirigir-se sempre ao fantasma do primeiro, o que morreu. O menino esforça-se em vão para seduzir a mãe, valendo-se de artifícios para que ela o ame e aceite. Essas tentativas de sedução darão origem a todas as outras, tão artificiais quanto estas, que transformam esse mal-amado num impostor e sua própria vida numa impostura, visto que ele não existe em nome próprio.

O pai, autoritário e às vezes violento, é indiferente à família; procura suas satisfações fora dela. Saído do nada, atinge a posição de representante de um grande banco. Louis odeia esse pai e ao mesmo tempo admira sua força. Aos onze anos considera a possibilidade de suicídio ao ter nas mãos o fuzil que o pai lhe deu. Só junto ao avô materno Louis encontra o amor espontâneo e caloroso que procura, bem como uma experiência da natureza que em casa lhe é recusada, pois a mãe, católica fervorosa, perseguida por fobias e cheia de tabus, tende a enclausurá-lo. Ela o castra com uma observação desastrada acerca de suas primeiras poluções noturnas e lhe proíbe toda relação carnal.

### **"O aborrecido é haver corpos"**

"O aborrecido é haver corpos, e, pior ainda, sexos", diria, mais tarde, dirigindo-se a um amigo, o filósofo que guarda em si "a imagem de uma mãe mártir e ensanguentada como uma ferida". A oblatividade, a compulsão a salvá-la devotando-se a ela de corpo e alma, torna-se sua razão de viver, que irá transferir para outras pessoas — inclusive, evidentemente, para aquela que será sua mulher.

Toda a personalidade de Louis Althusser, portanto, é marcada pela ambivalência dos sentimentos: amor e ódio, dependência e provimento, papel maternal e necessidade de proteção, tendência a tornar-se o pai (ou a mãe) do amo escolhido e a realizar o desejo da mãe, sem jamais poder aceder plenamente ao próprio, exceto, de passagem, em visita ao avô, no campo —

esse avô que suscita nele o sonho de fazer parte do povo, encarnação coletiva do corpo. Em *O futuro leva muito tempo* há uma página surpreendente, ao estilo de Zola, na qual Althusser fantasia em torno da imagem de uma festa da colheita vista como a comunhão dos corpos.

Menino tímido e sem energia, louro, alto, com uma cabeça pesada demais e um jeito intenso de falar, Louis Althusser atravessa brilhantemente o período escolar, pois consegue seduzir seus professores ao devolver-lhes uma imagem gratificante deles próprios. Suas notas, porém, não são tão boas na parte escrita, em que a sedução pessoal deixa de ter influência. No Lycée du Parc, em Lyon, enquanto se preparava para prestar o concurso de admissão à Ecole Normale Supérieure, participa ativamente da vida estudantil católica e tem contato com os monarquistas.

Seu professor de filosofia é Jean Guitton, cuja carreira de conselheiro laico do Vaticano é bem conhecida. Althusser o seduz com sua segunda dissertação mas extrai desse sucesso uma sensação dobrada de impostura, pois durante o exame lhe passaram a prova corrigida de Guitton do ano anterior — sobre o mesmo tema — e o professor nada percebeu. Em seguida ele irá se aproximar do sucessor de Guitton, Jean Lacroix, cujas opções políticas e sociais são as da revista *Esprit*; Althusser iria servir-se constantemente de Lacroix como ponto de referência na avaliação das próprias forças filosóficas, opondo-se a seu humanismo ao mesmo tempo em que dedicava uma forte estima ao homem. Outro de seus professores, Joseph Hours, faz sua iniciação à história e à política e o impressiona ao profetizar a traição da burguesia rica francesa em favor da Alemanha caso a guerra eclodisse.

Classificado em sexto lugar, entra na Ecole Normale em 1939. Mobilizado logo em seguida, capturado em junho de 1940, passa a guerra num *stalag*<sup>3</sup> no Norte da Alemanha de onde não tenta fugir, mesmo tendo inventado uma maneira de fazê-lo sem risco. Existe, porém, algum lugar mais protegido dos alemães que um campo defendido pelos próprios alemães? Lá ele toma consciência de que a família é o que há de mais opressivo dentre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), como os chamaria mais tarde, e que se sente melhor longe da sua. Sua vida espiritual continua viva; desempenha o papel de conselheiro à sombra do responsável francês no *stalag* — um cargo eleito. Pela primeira vez ouve falar em marxismo; encontra um militante comunista cujas qualidades pessoais o tocam, sem que seu catolicismo ou sua fé sejam abalados.

Ao voltar do cativeiro, em 1945, reingressa na Ecole da rue d'Ulm, de onde só sairá no dia fatídico de novembro de 1980. É que nesse convento laico onde o espírito vive às custas do corpo ele encontra a vida monástica com que sonhou e a proteção que seu sentimento de fraqueza e de incapacidade tornam incoercivelmente necessária. Em 1948, depois de prestar seu exame de *agrégation*, passa a ocupar o cargo de *agrégé-répétiteur*, depois de "*caïman*" e de secretário.

Althusser se enquistava na Ecole, ela é o útero de onde só poderá ser expulso para morrer. Ao mesmo tempo a Ecole é um reino ao qual sua loucura se adapta, como a do louco junto ao rei protetor, como sugere Yann

(3) *Stalag*: na guerra de 1940-5, nome dado aos campos alemães onde estavam detidos os prisioneiros de guerra não-oficiais (N.T.).

Moulier-Boutang. Ali ele terá condições de cultivar seu espírito e acalantar os dois outros, poderá tratar de suas depressões sem que quase ninguém perceba, praticar a mistificação e a irresponsabilidade e ao mesmo tempo assumir com seriedade tarefas vagamente administrativas e responsabilidades pedagógicas e intelectuais. Protegido por essa fortaleza ele desempenha um papel político, primeiro na comunidade católica e depois, sem que haja verdadeiramente corte ou transição, no partido comunista, onde, seguro de sua proteção, ocupa o de mais fiel opositor.

### **Uma paixão de inverno**

Na opinião de Jean Guilton, seu antigo aluno entrou no partido (em novembro de 1948) por causa de Hélène, em quem via uma "santa vermelha". Louis Althusser conheceu Hélène no início de 1946. Foi uma paixão de inverno: desde o primeiro encontro ele soube que a partir daquele momento sua missão no mundo era proteger aquela mulher miúda, morena e atada, dez anos mais velha que ele, infeliz, solitária, rejeitada pelos seus, pelo partido do qual foi militante *ouvriériste* durante os anos 30 e com o qual ela perdeu contato depois do pacto germano-soviético de 1939.

Hélène Rytman-Legotien foi uma resistente de choque na região de Lyon. Sua história pessoal é abominável: detestada pela mãe, tomou conta do pai que sofria de câncer e aos treze anos lhe aplicou a injeção letal, a pedido de um médico covarde demais; no ano seguinte fez o mesmo pela mãe moribunda. O partido foi sua família. No momento, porém, ele a considera agente dupla ou provocadora hitlero-trotsquista, acolhendo uma acusação provida de Louis e Elsa Aragon, que foram seus amigos na época da Ocupação.

Hélène pede para ser reabilitada e milita no Movimento da Paz, organização dependente do partido. Um verdadeiro "processo stalinista em Paris" será realizado em 1950: Hélène é expulsa e Althusser, que participa da votação da sentença, é instado pelos camaradas a não vê-la mais. Paul Eluard, a quem ele pede que intervenha em favor de Hélène, ouve esta observação exaltada: "Eu a conheço; é preciso ajudá-la o tempo inteiro", e se esquivava ao pedido. Yann Moulier-Boutang promete-nos esclarecer os motivos desse processo no segundo volume de sua biografia (o primeiro se interrompe em 1956).

### **"Todos vão perceber a impostura"**

Quando Louis Althusser conheceu Hélène ele tinha 28 anos e era virgem; ela tinha 38, conhecera muitos homens, amara. Os dois se apaixonam; ela o espera, dá demonstrações de compreensão e paciência. Sua primeira relação sexual desencadeia no rapaz uma angústia tão tremenda

que é preciso fazer uma internação de emergência. Ele já tivera depressões antes. O diagnóstico é um veredicto: "demência precoce" (ou esquizofrenia aguda), o que, na época, significava internação pelo resto da vida.

Aplicam-lhe choques elétricos, o relato do tratamento é pavoroso. Hélène consegue que ele seja atendido no Sainte-Anne pelo jovem psiquiatra Ajuriaguerra, que o examina e modifica o diagnóstico: melancolia gravíssima, psicose maníaco-depressiva. Depois de alguns meses de tratamento ele recebe alta e pode viver com Hélène uma lua-de-mel aparentemente tórrida. Enquanto ele estava no hospital ela fizera um aborto; sua união permanecerá obrigatoriamente estéril.

Nunca mais os dois hão de deixar-se, embora ele tenha vivido, depois dela, grandes amores exaltados. Ele lhe impõe suas amigas, de forma às vezes intolerável. Ela se convence cada vez mais de que tem uma personalidade insuportável, de que é a megera profetizada pela mãe, e se comporta de maneira a confirmar tudo isso. Os dois vivem, juntos, um inferno conjugal em que cada um é ao mesmo tempo a ferida e a faca. Os amigos assistem desolados ao que alguns dentre eles consideram os tormentos de um casal sado-masoquista. Raros são os que sentem uma amizade igual por Hélène, mulher em diversos aspectos muito atraente, mas infeliz, áspera como uma pedra.

Durante anos os dois serão tratados pelo mesmo psiquiatra, que trata Althusser primeiro com choques elétricos, depois com neurolépticos e antidepressivos e o leva a pensar em narcoanálise (que substitui a hipnose através de uma injeção de pentotal). Os amigos menos íntimos e as levas sucessivas de estudantes jamais ficarão sabendo da gravidade do mal que periodicamente, quase todos os anos, afasta Althusser da Ecole durante algumas semanas, às vezes meses, que ele passa internado no hospital psiquiátrico ou numa clínica. A Ecole acoberta o problema: ele desempenha perfeitamente seu trabalho.

Só depois de uma forte depressão desencadeada pela publicação, em 1965, de *Pour Marx* e *Lire le Capital* ("é agora que todos vão perceber a impostura", pensa o filósofo), Althusser começa uma psicanálise "clássica" com René Diatkine. Este cede a seu paciente e transgride algumas regras: analisa-o face a face; concorda com uma internação, a seu pedido, depois de uma primeira chantagem de suicídio; aceita Hélène em terapia. Depois do assassinato, alguns analistas questionarão com muita severidade o que denominam "*ménage à trois*". Como o próprio psicanalista interpreta esse assassinato e o "caso" Althusser? Talvez algum dia venhamos a saber, caso o dr. Diatkine venha a entregar-nos por sua vez a história do caso. Que desafio, para um analista freudiano, estas novas "Memórias de um psicopata"!

Temos uma impressão tão nítida de estar lendo uma autobiografia oral, repetida inúmeras vezes diante de psiquiatras, especialistas e analistas e adaptada à expectativa de cada um, que somos tomados de vertigem: onde está a verdade desse homem crucificado em sua dor? E se estivermos mais uma vez diante da impostura? Se o tom trágico do livro dissimulasse — deixando transparecer por vezes a comicidade mistificadora — as piruetas de um ator vertiginoso? Louco. Althusser? Philippe Sollers, em seu romance *Femmes* (1983), duvidava disso e

interpretava o assassinato com a brutalidade autorizada pela paródia (e talvez a verdade): "Ela o sufocava, ele a asfixia". Régis Debray, em *Les masques* (1987), vai no mesmo sentido, mas fala de suicídio altruísta. "Ele a asfixiou com um travesseiro para salvá-la da angústia que o asfixiava. Bela prova de amor [...] poder salvar a própria pele sacrificando-se, ao mesmo tempo, pelo outro, e dispondo-se a assumir toda a dor de viver."

### Os seqüestrados da rue d'Ulm

Em 1979 Althusser sofre uma cirurgia que desencadeia uma crise melancólica aguda com obsessão de suicídio. Foi preciso hospitalizá-lo; Hélène cai numa angústia mortal. De volta à Ecole, seu estado se agrava. "O inferno a dois atrás das portas de uma solidão deliberadamente organizada começava, alucinante..." Ela lhe repete que não vê outra saída senão matar-se. É assim que irão viver durante alguns meses os seqüestrados da rue d'Ulm. E em seguida dá-se o drama. Atuação que teria podido não acontecer ou acontecer muito mais tarde: a soma de acasos que a desencadearam é puramente contingente, explicará mais tarde um médico a Althusser, como para inocentá-lo.

É possível julgar uma dor? A de Althusser irá durar dez anos, com períodos de alívio e uma alternância de fases maníacas e fases depressivas. Dez anos de luto por Hélène. Em junho de 1981 ele irá deixar Sainte-Anne para ser hospitalizado em Soisy, a oitenta quilômetros de Paris, onde seu analista vai vê-lo uma vez por semana e onde é seguido por um jovem médico que põe em dificuldades do ponto de vista psicológico. Em Soisy receberá numerosas visitas: seus amigos exercem em volta dele uma guarda vigilante e protetora. Em certas fases poderá viver e escrever no pequeno apartamento do XXe comprado para ser habitado depois da aposentadoria.

O que o analista desvenda é seu desejo de sempre: não viver, receber a prova de sua não-existência. "Mas minha destruição pessoal passava simbolicamente pela destruição dos outros, e em primeiro lugar de meus amigos mais queridos e mais chegados, inclusive da mulher que eu mais amava." Um amigo lhe sugere que, através de Hélène, inconscientemente ele teria querido matar seu analista. Segundo seu próprio diagnóstico, a impotência de ser desenvolveu nele o desejo de ser todo-poderoso em relação a tudo. Tê-lo compreendido deu-lhe "a simples liberdade". Um renascimento aos 67 anos. Tomando a palavra em público, este livro é "um ato de ser", o primeiro. A história, assim, chega a um final feliz, aparentemente. Mas o que ele escreve nas últimas páginas do livro, escreve durante uma fase hipomaníaca. Sua biografia nos informa que ela foi seguida, como todas as outras, pela retomada do torniquete infernal.

Por que este livro não foi publicado antes de sua morte? Sem dúvida ainda se há de epilogar durante muito tempo sobre essa última impotência. A questão, definitivamente, é a do estatuto textual desta autobiografia: documento ou obra? Do lado de cá ou do lado de lá da literatura?

Sua incontestável novidade é ser o primeiro livro de criminoso psicanalisado e o primeiro livro de filosofia criminosa. A psicanálise permite a Althusser ligar sua constituição afetiva a sua teoria filosófica; mas a análise não lhe permite rever sua filosofia em função da descoberta que ele faz de sua constituição subjetiva. A filosofia, portanto, permanece sem alterações: é repetida no livro como uma lição intransponível: a ditadura do proletariado continua sendo objeto de dogma e a missão da classe operária continua messiânica.

Reafirmar em 1985 a luta de classes (e "a luta de classes na teoria", que é a invenção althusseriana) é responder ao movimento de luta animado pela teologia da libertação nos países da América Latina. Se, com efeito, o laço com o partido é cortado pela análise (e sem dúvida não inteiramente), o laço com as lutas concretas se mantém. Mas Althusser já não tem condições de pensar essas lutas fora de seu pensamento constituído — o marxismo-leninismo em sua versão maoizante e anti-humanista. Althusser, contrariamente a um André Gorz, não dispõe dos meios intelectuais para fazer suas despedidas do proletariado. Tampouco tem os meios necessários para pensar as alterações políticas do Leste Europeu, o que talvez seja um motivo a mais para a não-publicação de seu texto.

### O controle do sentido

Sem dúvida é por fidelidade a seu amor por Hélène, sem o qual sua história perde todo o sentido: ele não a teria matado porque a amava, mas porque não a suportava mais. Ora, ele sobrevive — e se safa, mais ou menos, psiquicamente. Mas ele só pode sobreviver permanecendo ele próprio, ou seja, "louco" de amor por Hélène. Hélène é sua loucura encarnada, sua oblatividade psicótica. Círculo do qual ele poderia sair através da publicação do livro — que haveria de suscitar uma contestação de sua interpretação, uma *outra* interpretação. Ora, isso é exatamente o que ele não quer. Ele quer manter-se senhor do sentido. E, de fato, é muito difícil ter um entendimento mais profundo de seu caso. Mas, sem dúvida, isso é possível e ele o teme, de todo modo. Por isso guarda o livro em suas gavetas e limita-se a manifestar veleidades de publicação.

Principalmente ele não faz o trabalho de reescritura, de eliminação das repetições, indispensável para que o manuscrito tenha uma oportunidade de ser favoravelmente comparado às *Palavras* de Sartre, livro que Althusser tinha em mente, sem dúvida, quando calcou esta condenação: "A autobiografia, essa decadência sem precedentes da literatura". Assim, ele recusa a seu texto o estatuto de obra, deixando-o em estado de documento para a posteridade. Nega ter escrito uma autobiografia, afirma ter redigido um "ensaio". Mas quer que seja publicado.

Em relação ao livro, mostra a mesma ambivalência que tem em relação a Hélène e, por trás desta, em relação a sua mãe. Para além da morte ele ainda tenta seduzi-la, seduzindo-nos. "Nos" quem? Não os intelectuais. Pelo menos não em primeiro lugar. O povo. A opinião no sentido amplo. Daí esse estilo de profes-



sor na narração, com ornamentos aplicados tornados banais, ao estilo de Jules Renard, como este, por exemplo: "Um grande galinheiro cercado de tela onde passeavam aves cheias de sua lenta auto-suficiência". A simplicidade de um texto límpido já não tem nada a ver com a elegância extrema, sofisticada, do estilo do prefácio de *Pour Marx*, que tanto impacto causou.

## O fantasma da obra literária

A ambivalência, portanto, vai aparecer no nível da própria atividade de escrever. É que Althusser ao mesmo tempo quer e não quer ser escritor. Ser autor de uma obra literária é provavelmente seu fantasma mais recôndito, aquele a respeito do qual ele não se justifica. Daí a ausência, neste livro, de qualquer reflexão sobre a forma e sua ligação com a literatura. Com isso ele quer, deliberadamente, colocar-se aquém da literatura e lança um desafio:

*Desta vez todos os jornalistas e outras pessoas da mídia vão exultar, mas vocês vão ver que isso não os deixará necessariamente satisfeitos. Primeiro porque eles não terão tido a menor participação na coisa, depois porque, afinal o que eles podem acrescentar ao que escrevo? Um comentário? Mas eu faço o comentário!*

Vemos aqui em plena ação o fantasma de controle. Colocando-nos entre as mãos um livro inacabado, uma ausência de obra, Althusser situa-se desta vez aquém da literatura e quer impedir que façamos um julgamento literário. Desse modo ele pensa ganhar nas duas frentes. Na realidade, porém, ele só ganha no plano do mito pessoal: Althusser, o filósofo maldito, o intelectual mais psiquiatrizado da França, em quem sua época só pode encontrar seu próprio produto, maléfico e inocente. Todo homem mata o que ama. Essa já era a escapatória de Oscar Wilde em *De profundis*: estender a uma culpabilidade universal a responsabilidade de um ato para, desse modo, isentar-se pessoalmente.

Não há dúvida: o marxismo althusseriano, essa visão da história como processo sem sujeito nem fim, dá à luz esta proclamação desolada: não-responsável! Invertendo o brado moralmente megalomaniaco de Sartre sobre o teatro dos horrores do tempo (campos de extermínio nazistas, campos de trabalho forçado soviéticos): "Tomei este século sobre os ombros e afirmei: retrucarei!", Althusser nos diz: não era comigo. Dessas duas loucuras, qual preferir? A diferença localiza-se na fé na literatura. Althusser foi uma grande inteligência, doente, sem dúvida, como Pascal, mas sem gênio literário, o que significa patético, mas incapaz da generosidade que caracteriza um escritor.

Palavras-chave:

Louis Althusser; biografia; autobiografia; crime; psicanálise.

Keywords:

Louis Althusser; biography; autobiography; crime; psychoanalysis.

---

Novos Estudos  
CEBRAP  
Nº 33, julho 1992  
pp.213-221

---